

AValiação DA APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: O PROCESSO DE CATARSE

Aghata Ludymilla Sodré¹
Iara Aquino Henn²

Resumo

A avaliação tem sido objeto de inúmeras investigações, todavia ainda há elementos a serem analisados e explicitados diante das problemáticas vivenciadas na práxis dos processos educativos, como necessidade de estudos e conhecimentos que embasam a prática das docentes tanto nas concepções quanto na organização de instrumentos, critérios e devolutivas das avaliações. A partir desta realidade, o estudo tem como objetivo analisar a avaliação fundamentada na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), no processo da catarse, como mediadora do ensino, aprendizagem e desenvolvimento. Para isso, faz-se necessário sistematizar elementos epistemológicos da avaliação da aprendizagem nas tendências pedagógicas, analisar a categoria mediação, dialética e práxis, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, para na sequência entender como a catarse se articula ao processo de desenvolvimento e aprendizagem. Pensando em qual o papel da avaliação mediadora dialética por meio da catarse, no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, ancorada na abordagem qualitativa. Diante disso, os aportes teóricos que embasam o estudo estão ancorados em autores como Saviani (2007; 2012; 2015), Luckesi (1999; 2000; 2005), Hoffmann (2012; 2013; 2018), Marsiglia (2014) e Gasparin (2009; 2011; 2014). Nesse sentido, avaliação mediadora dialética, como um processo, a partir da prática social inicial, instrumentalização, problematização, catarse e prática social final contribui com a análise e replanejamento no movimento de apropriação dos conhecimentos.

Palavras-chave: avaliação da aprendizagem, Pedagogia Histórico-Crítica, ensino, aprendizagem, catarse.

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFPR – Campus Curitiba. E-mail: aghataludymilla18@gmail.com.

² Pedagoga, Mestre em Educação nas Ciências e Doutora em Antropologia Social. Formada em Licenciatura em Pedagogia. Professora no Colegiado de Pedagogia do IFPR. E-mail: iara.henn@ifpr.edu.br.

Introdução

A avaliação faz parte do processo do ensino e aprendizagem em todos os níveis da educação, pois esta tem um papel imprescindível para que docentes e estudantes possam avançar com êxito nos diversos níveis do processo educacional. Sendo que a avaliação, permite à professora³ e ao estudante reconhecer os avanços e limites, ao decorrer do processo de ensino aprendizagem permitindo assim, a apropriação de conhecimentos históricos, sociais, culturais e científicos por parte de todos e todas. Pois, o acesso às aprendizagens garantem o direito à educação de qualidade e vivência da cidadania. Com isso, a avaliação da aprendizagem faz-se necessário ser compreendida como um suporte ao processo de ensino e aprendizagem, no sentido de contribuir para o planejamento de ações que respeitem os diferentes caminhos da aprendizagem dos estudantes.

Pensando que quanto mais a professora conhece a zona de desenvolvimento real⁴ e as diferentes formas como os estudantes aprendem, mais adequadas serão suas intervenções pedagógicas (Silva, 2004). O papel do docente é o da mediação dos conhecimentos, possibilitando a aproximação do que os estudantes já aprenderam para o que precisam aprender. Tornando assim, essencial realizar atividades e diálogos com os estudantes para entender o que eles pensam e qual sua compreensão de acordo com o contexto que está inserido em relação aos conteúdos a serem ensinados. Diante disso, é imprescindível que a docente respeite as características individuais, culturais e sociais dos estudantes para melhor planejar ações pedagógicas.

A avaliação na concepção que nos remete aos “exames escolares” se restringe à observação do desempenho individual esquecendo e ignorando o processo educativo de aprendizagem, o qual envolve os estudantes, a docente e a interação entre os contextos e relações que se desenvolvem. Segundo Luckesi (1999), provas e exames na aprendizagem escolar têm por finalidade verificar o

³ A escolha por usar o termo no feminino é por considerar que a maior parte da classe de professores na educação infantil e anos iniciais são mulheres.

⁴ Zona de desenvolvimento real refere-se às etapas já alcançadas pela criança e qual permite que ela solucione problemas de forma independente, autônoma (Vygotsky, 1991, p.58)

"A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário" (Vygotsky. 1991, p. 58).

nível de desempenho do educando em determinado conteúdo e classificá-lo em termos de aprovação ou reprovação, por conceitos, notas ou algo semelhante. Manifesta-se, nesse contexto, uma prática seletiva, na qual aqueles que conseguem atingir os objetivos do ensino são aprovados e os demais são eliminados. Com isso, avaliar é muito mais do que examinar ou aplicar uma prova, vai além de saber se um estudante merece esta ou aquela nota, este ou aquele conceito, por meio de uma média universal.

Com as observações participativas no Programa de Residência Pedagógica, foi possível presenciar os estudantes realizarem a Prova Curitiba⁵, a qual consiste em um instrumento para verificar a aprendizagem dos estudantes nos componentes curriculares de Matemática, de Língua Portuguesa e de Ciências. A partir disso, foi possível perceber o medo e a angústia que os estudantes sentem quando se deparam com um exame/prova, pois muitos deles que diariamente conseguem realizar as atividades propostas pela professora, demonstraram-se nervosos e não conseguiram realizar a prova por conta do medo de “errar”. Sendo esta uma das situações que motivam este estudo. Nesse sentido, pesquisar o processo de avaliação na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), é de extrema importância, para que a prática docente seja pensada como mediadora, onde o estudante deve ser compreendido como sujeito capaz de transformar a sociedade, por meio da apropriação do conhecimento e da reflexão crítica.

Com isso, a pesquisa bibliográfica foi ancorada em abordagem qualitativa. Segundo Marconi e Lakatos, "a pesquisa bibliográfica, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo" (Marconi, Lakatos, 2010, p. 166). Foi a partir da leitura e da interpretação de informações presentes em livros, artigos, dissertações e tese que a análise foi elaborada. Os aportes teóricos apresentados no decorrer do trabalho, são de Demerval Saviani (2007; 2015; 2018), Cipriano Carlos Luckesi (1999; 2000; 2005), Jussara Hoffmann (2012; 2013; 2018) Ana Carolina Galvão Marsiglia (2014) e João Luiz Gasparin (2009; 2011; 2014). Para então contribuir com um estudo com base epistemológica na PHC, buscando analisar os processos de avaliação fundamentadas na perspectiva da PHC, como mediadora dos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

⁵ Avaliação aplicada anualmente em 2023, pela Prefeitura Municipal de Curitiba, para todos os estudantes da rede municipal de ensino, do 2.º a 9.º ano do Ensino Fundamental.

Portanto, no processo de ensino aprendizagem e no contexto da formação de um estudante crítico, ao se apropriar dos conhecimentos, perguntamos: qual o papel da avaliação mediadora-dialética, por meio da catarse no processo de ensino-aprendizagem?

A avaliação da aprendizagem como um processo mediador, possibilita a docentes e estudantes observar o percurso do ensino aprendizagem, podendo compreender avanços e dificuldades, tendo consciência de seu processo, valorizando e respeitando seus limites e suas possibilidades (Brasil, 2009, p. 67). Portanto, se faz necessário sistematizar elementos epistemológicos da avaliação da aprendizagem nas tendências pedagógicas, analisar a categoria mediação, dialética e práxis, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica para assim, entender como a catarse se articula ao processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A primeira seção aborda as características da avaliação nas tendências pedagógicas, para distingui-las a partir das teorias não críticas e críticas, já que no contexto, muitas vezes, misturam-se instrumentos e formas de conduzi-las de várias concepções, a exemplo dos tipos de provas evidenciadas na problemática deste estudo. Na segunda seção, iremos analisar a avaliação como ação mediadora dialética na perspectiva dos fundamentos teóricos da PHC para compreendê-la articulada à esta concepção. Na terceira seção, o intuito é analisar a catarse como um dos momentos da avaliação que se articula ao processo de desenvolvimento e aprendizagem na PHC.

Contexto da Avaliação da Aprendizagem nas Tendências Pedagógicas

Embora o tema avaliação da aprendizagem seja amplamente discutido, podemos dizer que o termo é muito recente na história da educação. Sendo que, a história dos exames escolares tem aproximadamente quinhentos anos. O mesmo surgiu no exército chinês para selecionar soldados no terceiro milênio antes da era cristã. Porém, dentro das escolas começou a ser sistematizado no decorrer dos séculos XVI e XVII. Entretanto, a avaliação da aprendizagem teve seu primeiro registro no ano de 1930, quando o educador americano, Ralph Tyler idealizou o termo para manifestar que os educadores necessitavam ter cuidado com a aprendizagem dos educandos, já que naquele período a cada cem crianças que

estavam egressas na escola apenas trinta por cento eram aprovadas e as outras setenta por cento eram reprovadas, ou seja, anualmente a maior parte dos estudantes não tinham “processado” uma aprendizagem satisfatória. O assunto no Brasil começou a ser citado no século XX, antes disso somente se falava em exames escolares (Luckesi, 2013).

Para distinguir o exame escolar de avaliação da aprendizagem é necessário entender sobre as tendências pedagógicas liberais e progressistas, nas quais as concepções não críticas são liberais e as concepções críticas são progressistas. As teorias não críticas da educação são aquelas que pressupõem a sociedade capitalista como ideal e formidável são elas: pedagogia tradicional, Escola Nova e pedagogia tecnicista. Entendem que cada pessoa se adapta a sociedade e cumpre um papel que lhe é atribuído, cada um se responsabiliza pela sua inserção na sociedade, o que na verdade são consequências de condições concretas de vida e de responsabilidade do Estado. Com isso, na sociedade capitalista a educação tem servido mais para justificar o fracasso e a exclusão social do que para promover a inserção de todos (Suhr, 2012).

A avaliação na pedagogia tradicional tem por objetivo valorizar os aspectos cognitivos por meio da memorização dos conteúdos pelos estudantes, ou seja, aquele conhecimento que é transmitido pela professora, precisa ser memorizado para realização de provas, interrogatórios orais, lições de casa e trabalhos, além disso, tem caráter classificatório, na qual os “capazes” são recompensados com boas notas (Libâneo, 1985).

Na tendência liberal renovada progressivista (escola nova), a avaliação busca considerar e valorizar a participação, as atitudes e o interesse dos estudantes. Fazendo com que o esforço do estudante seja mais valorizado, do que o resultado do processo, diante disso, a avaliação acontece de forma fluída, tentando ser eficaz na medida em que os esforços e os êxitos são reconhecidos pelo professor (Libâneo, 1985). Com isso, a tendência liberal renovada não diretiva, utiliza a autoavaliação como único instrumento avaliativo. Entendendo que o conhecimento só tem relevância, diante do significado que cada estudante tem daquilo, portanto, as avaliações perdem o sentido, pois o foco está na auto-realização (Libâneo, 1985).

Na pedagogia liberal tecnicista a avaliação ocorre após um período,

normalmente ao fim de bimestres, trimestres, módulos, com o objetivo de controlar resultados de maneira quantitativa, pois mesmo com perguntas dissertativas, a resposta tem que estar exatamente como está descrito nas apostilas/livros, ou seja, é preciso fazer cópias dos livros ou memorizar para responder. Não é possível ter divergências entre os conhecimentos dos estudantes, visto que todas as pessoas precisam sair do processo igual, pois recebem a mesma formação (Suhr, 2012).

As tendências pedagógicas liberais se baseiam no capitalismo, com isso, sustentam a ideia de que a escola tem a função de preparar o estudante para desempenhar papéis sociais de acordo com as suas “habilidades e competências”⁶. Portanto, os indivíduos devem se adaptar aos valores e às normas de uma sociedade já posta, sem entender a perspectiva da transformação social e sem considerar as diferentes classes sociais, não levando em conta as desigualdades econômicas, sociais e culturais frutos da exploração do trabalho.

Sendo assim, pode-se dizer que na tendência liberal, em geral, acontece a prática do exame escolar. Pois, segundo Luckesi, provas e exames na aprendizagem escolar têm por finalidade verificar o nível de desempenho do educando em determinado conteúdo e classificá-lo em termos de aprovação ou reprovação, por conceitos, notas ou algo semelhante. Manifesta-se, nesse contexto, uma prática seletiva, na qual aqueles que conseguem atingir os objetivos da professora são incluídos e os demais são excluídos (Luckesi, 2013).

Portanto, a prática avaliativa, quando conduzida dessa maneira, serve como um instrumento disciplinador priorizando a classificação, desta maneira não existem objetivos pedagógicos, pois não tem como intenção ensinar os estudantes que encontram mais dificuldades no processo de aprendizagem e sim reprimi-los e excluí-los. Quando uma avaliação escolar é conduzida de maneira inadequada, conseqüentemente, ocasiona a repetência do aluno ou até mesmo a evasão escolar (Luckesi, 2013).

As teorias críticas são aquelas que entendem a escola como parte integrante de um todo social. Ou seja, embora a escola seja condicionada pelos aspectos sociais, políticos e culturais, contraditoriamente, existe nela um espaço que aponta a

⁶ Categorias que foram adotadas por tendências liberais e neoliberais de educação, as quais estão postas em documentos de políticas públicas com estes significados, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), amplamente contestada e criticada por movimentos e pautas dos educadores.

possibilidade de transformação social. Na pedagogia progressista, a educação possibilita o estudante compreender a realidade social e a si mesmo como sujeito capaz de contribuir⁷ para transformar essa mesma realidade. Partindo de uma relação direta com a realidade concreta dos estudantes com o conteúdo sistematizado, fazendo com que estes sejam orientados na participação ativa da sociedade (Gazim, 2005).

A pedagogia libertária acredita que a escola tem o papel de contribuir para que os indivíduos se desenvolvam de maneira livre e autônoma. Por ser contra qualquer forma de controle e burocracia, não existe avaliação formalmente estabelecida. Para definir a relevância de um conhecimento é preciso observar seu uso prático, ou seja, como o sujeito irá resolver os problemas e situações enfrentados na realidade concreta. Com isso, a aprendizagem é construída com base na motivação pessoal de crescer dentro da convivência em grupo (Libâneo, 1985).

A avaliação na Pedagogia Libertadora é embasada por Paulo Freire e está relacionada com a educação de jovens e adultos e educação popular, considerando-a como um ato político, capaz de conscientizar os educandos na busca por uma transformação social. Tendo, no início, uma atuação maior em espaços educativos não escolares, porém atualmente também está nos processos formais. Com isso, acompanha-se o progresso dos estudantes pensando em uma conscientização do sujeito para que possa intervir e transformar a realidade. A real aprendizagem é a mudança no modo de agir da comunidade, promovida pela compreensão, reflexão e criticidade construída nas discussões realizadas (Libâneo, 1985).

Para que o processo avaliativo se efetive como aquele permite às professoras e aos estudantes reconhecerem avanços e limites no decorrer do processo de ensino aprendizagem permitindo assim, identificar os diferentes ritmos e caminhos singulares buscando uma educação coerente com as necessidades e realidades de cada estudante, se faz necessário que a docente assuma uma concepção de educação crítica, possibilitando o desenvolvimento do estudante (Hoffmann, 2018). Por isso, articulamos o estudo na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, como

⁷ O termo utilizado demonstra que a escola, por si só, não é capaz de promover essa transformação, existem outros fatores que favorecem ou dificultam e vão além da escola (Suhr, 2012, p. 139).

concepção que contribui na transformação da realidade a partir da apropriação dos conhecimentos.

Avaliação como mediação dialética na Pedagogia Histórico-Crítica

Para aprofundarmos a avaliação da aprendizagem como ação mediadora faz-se necessário, inicialmente, uma breve contextualização e a compreensão da categoria mediação e da dialética na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. A PHC teve origem em 1980, com Dermeval Saviani, pedagogo brasileiro, referência nesta concepção de educação, no cenário da Educação Nacional, no contexto do processo de redemocratização brasileira. O autor entende que por meio da PHC é possível pensar a educação não como processo de reprodução da sociedade, mas como movimento de transformação social, por meio da apropriação científica dos conhecimentos.

Para Saviani, “O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 1991, p. 06). Ou seja, a escola é o espaço formal, que tem como intencionalidade a apropriação dos conhecimentos históricos, sociais, culturais e científicos como elementos de transformação social, histórica e cultural.⁸

Portanto, o objetivo da educação é a luta pelo ensino de qualidade para toda a população brasileira, pensando na educação como direito de todos, portanto, considera-se que a realidade não é algo linear e nem estático, mas sim com condições concretas de existência a serem elucidadas pelo processo dialético histórico oriundo do materialismo histórico, o qual abrange desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo (Saviani, 2018).

O processo dialético é aquele que fundamenta os pensamentos até sua efetiva concretização, portanto para sua concretização se faz necessário uma mediação sobre o pensamento abstrato.

⁸ É no *Livro Escola e Democracia* que o autor aponta a educação como possibilidade de superação das contradições da sociedade capitalista (Saviani, 2018).

A lógica dialética não é outra coisa senão o processo de construção do concreto de pensamento (ela é uma lógica concreta) ao passo que a lógica formal é o processo de construção da forma do pensamento (ela é, assim, uma lógica abstrata). Por aí se pode compreender o que significa dizer que a lógica dialética supera por inclusão/incorporação a lógica formal (incorporação, isto quer dizer que a lógica formal já não é tal e sim parte integrante da lógica dialética). Com efeito, o acesso ao concreto não se dá sem a mediação do abstrato.(Saviani, 2015, p.28)

Portanto, Saviani (2015) afirma que é pela dialética que se permite compreender os processos históricos, sociais e educacionais, entendendo a realidade individual e coletiva formada por contradições que provocam mudanças e transformações. Dessa forma, a dialética do materialismo histórico⁹ é essencial para a compreensão do papel da educação na sociedade, pois a relação dialética entre educação e sociedade é entendida como uma interação constante e recíproca com base na realidade concreta.

A sociedade influencia a educação, mas como processo histórico de consciência crítica, a mesma pode transformar a sociedade, ou seja, a escola, ao mesmo tempo em que pode reproduzir as relações sociais existentes, é um espaço de resistência e transformação por meios da criticidade, dependendo da pedagogia adotada. Com isso, o autor entende que “A construção do pensamento ocorre, pois, da seguinte forma: parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto. Ou seja: a passagem do empírico ao concreto se dá pela mediação do abstrato” (Saviani, 2015). A mediação, portanto, é o momento em que o processo de ensino transforma o conhecimento do “senso comum”, trazido pelos estudantes em conhecimentos sistematizados e científicos, sendo assim “[...] Cumpre assinalar, também aqui, que se trata de um movimento dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, portanto, de forma alguma são excluídas” (Saviani, 2018, p.20).

⁹ Saviani (1991, p, 118) diferencia a dialética idealista de Hegel da dialética pautada no materialismo histórico. Pois, para o autor, a verdadeira realidade é a Ideia que, ao entrar em contradição consigo mesma, se objetivou, gerando a natureza. Esta, ao se conscientizar, transforma-se em espírito, resultando na resolução da contradição através do processo tese (ideia), antítese (natureza) e síntese (espírito) (Saviani, 2015, p.27). Segundo Saviani (2015, p.17) Marx fundamentou a dialética em aspectos materiais, partindo de indivíduos concretos que produzem seus meios de subsistência, iniciando assim a história como resultado da ação humana. Por isso, a abordagem de Marx é conhecida como materialismo dialético ou materialismo histórico, sendo ocasionalmente referida como materialismo histórico-dialético.

Portanto, a mediação é o processo que caracteriza a relação do ser humano com o mundo e com outros seres humanos e esse processo é fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas¹⁰, fazendo com que o ser humano seja diferente de outros seres vivos. Com isso, entende-se que a mediação possibilita processos de ensino e aprendizagem entre as professoras e os estudantes, fazendo com que a apropriação do conhecimento se dê com criticidade e socialização, pensando na interação social e na interação histórico-cultural (Oliveira, 1995).

Diante disso, as docentes desempenham uma função crucial nesse processo, pois esta será a responsável pela ação da práxis por meio da mediação, pois,

[...] é justamente a teoria que está empenhada em articular a teoria e a prática, unificando-as na práxis. É um movimento prioritariamente prático, mas que se fundamenta teoricamente, alimenta-se da teoria para esclarecer o sentido, para dar direção à prática. Então, a prática tem primado sobre a teoria, na medida em que é originante. A teoria é derivada. Isso significa que a prática é, ao mesmo tempo, fundamento, critério de verdade e finalidade da teoria. A prática, para desenvolver-se e produzir suas consequências, necessita da teoria e precisa ser por ela iluminada. Isso nos remete à questão do método. Tenho trabalhado essa questão sistematicamente nos cursos e nos textos, embora não tenha uma publicação mais específica e mais desenvolvida sobre esse tema (Saviani, 1991, p. 120).

Contudo, a práxis como categoria da prática fundamentada teoricamente, contrapõe tanto com uma contemplação teórica desconectada da prática quanto com o espontaneísmo prático desvinculado da teoria. No entanto, o idealismo tem uma priorização da teoria sobre a prática e o pragmatismo inverte essa relação. Portanto, a práxis fundamentada no marxismo, busca articular teoria e prática, com a junção na ação. Ou seja, a prática é considerada como determinante, sendo o critério de verdade e a finalidade da teoria, enquanto esta serve para embasar e direcionar a prática (Saviani, 1991).

Considerando assim, a práxis uma ação fundamental no processo de educação, por meio do planejamento de ensino, da organização dos conhecimentos fundamentais a serem garantidos pela escola, pensando na socialização destes com os estudantes, será ela que irá elaborar os meios mais adequados à apropriação da cultura, e conseqüentemente, a avaliação dos objetivos planejados e quais

¹⁰Fazem parte das funções psicológicas, memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção. “Esse processo não se esgota, pois, apesar da estrutura das FPS não mudarem, as conexões (ou nexos) mudam” (Souza, 2013, p.357).

conhecimentos precisam ser replanejados para nova ação didático pedagógica, diante da não apropriação no processo.

Pasqualini, afirma que para que a docente consiga compreender a avaliação na perspectiva da PHC, precisa ter em vista a relação entre vários elementos: conteúdo (o que), estudantes (para quem), objetivo (para que) e a metodologia/recursos (como), pois estes elementos do planejamento e da ação se articulam, sendo a avaliação, o “instrumento” capaz de possibilitar compreender a “concretude” do processo e a passagem da síncrese para a síntese, no desenvolvimento do estudante (Pasqualini, 2010). O repertório de eixos do processo pedagógico conta com as condições objetivas de realização do trabalho educativo também. Contudo, entende-se que a avaliação mediadora é um processo que tem por objetivo diagnosticar e reconhecer o que o estudante por diversos meios, se apropriou e em que nível os conteúdos se efetivam na aprendizagem, ao mesmo tempo que integre as práticas vivenciadas tornando a aprendizagem um processo satisfatório (Luckesi, 1999).

Quando nos referimos à avaliação mediadora, destacamos a importância da docente de estar sintonizada com ritmos e tempos dos estudantes. Isso implica em constante reconhecimento, tanto a professora em relação ao processo, quanto os estudantes, percebendo seus avanços e seus limites, utilizando a avaliação como propulsora para alcançar o momento de reflexão e chegar à síntese (apropriação conceitual/cognitiva dos conhecimentos). Com isso, reconhecendo a singularidade de cada estudante, a professora orienta e desafia individualmente, possibilitando a conquista da autonomia para o desenvolvimento moral e intelectual, o qual desperta curiosidade em buscar informações, culminando em um papel participativo do estudante, para buscar uma transformação social (Hoffmann, 2018).

Pois, entende-se que avaliamos para melhorarmos nossas ações e para encontrarmos soluções para as dificuldades. Portanto, a dinâmica da avaliação mediadora ocorre por meio de um “Espiral evolutivo do conhecimento, sem início, meio ou fim”, nesse espiral a professora realiza a mediação da mobilização dos estudantes, a mediação das experiências educativas diversificadas e a mediação da expressão individual do conhecimento (Hoffmann, 2018, p. 95). sendo que na PHC esse processo ocorre pela dialética e pela práxis no processo de ensino

aprendizagem. Ou seja, cada passo que o estudante avança, o leva para novos caminhos e novas trajetórias, com desvios, obstáculos que podem ser surpreendentes, é passagem da zona de desenvolvimento proximal para a zona real na teoria histórico-cultural na perspectiva de Vigotsky (Vigotsky, 1991). Portanto, o acompanhamento realizado pela docente precisa ser permanente e intencional, entendendo que o significado da avaliação mediadora é o de promover a aprendizagem (Hoffmann, 2018).

Diante disso, a avaliação mediadora dialética é um momento catártico dentro da PHC, onde se trata da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação, pode ser considerado o ponto culminante do processo de ensino, a passagem da síncrese à síntese. É a construção de todo um trabalho, mas que deverá continuar sempre em construção, através dos tempos e de novos conhecimentos (Saviani, 2007).

Desse modo, é imprescindível que a avaliação seja um processo que tenha como objetivo uma ação mediadora para a aprendizagem. Sendo assim, a práxis fundamental no processo avaliativo mediador, pois a prática é a razão de ser da teoria, o que significa que a teoria só se constitui e se desenvolve em função da prática que opera (Saviani, 2007).

A catarse no processo de avaliação

O método da PHC que Saviani elaborou, entende o processo de ensino-aprendizagem mediado pelo ensino o qual acontece em passos que levarão a consideração e a organização dos conhecimentos históricos a serem ensinados, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, relacionando-os com a sistematização dos conhecimentos. São passos que estão ligados ao método dialético de aprendizagem e tem como objetivo estimular os estudantes e as professoras, fazendo com que o diálogo entre os mesmos seja favorecido, de maneira que a relação entre a educação e a sociedade estejam presentes no cotidiano dos estudantes (Saviani, 2018).

O método dialético a partir do autor se dá por cinco momentos, o da prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final,

nessa mesma sequência, entendendo que “o ponto de partida é a prática social e o ponto de chegada é a própria prática social, porém no ponto de chegada¹¹ ela não é a mesma”, entendendo os estudantes como seres sujeitos a transformações (Saviani, 2018, p. 56).

Portanto a prática social inicial é o “ponto de partida”, é nesse momento que a professora começa sua aula, por meio do conhecimento prévio e das práticas que os estudantes trazem consigo, sendo importante compreender o contexto social e histórico no qual os estudantes estão inseridos, a docente tem o papel de mediar os conhecimentos prévios e as práticas dos estudantes com o conteúdo que será apresentado, sendo possível reconhecer a diversidade de práticas e conhecimento dos estudantes, proporcionando uma base para a apropriação do conhecimento (Saviani, 2018). Se tomarmos avaliação como processo, aqui ela desempenha um papel diagnóstico.

Partindo da observação da prática social, surge o segundo momento, de problematização. É o momento em que serão observadas quais são as questões que precisam ser resolvidas, fazendo uma ruptura do que os estudantes já sabem para um conhecimento que precisa ser apropriado (Saviani, 2018). Fazendo com que os estudantes questionem suas concepções prévias e busquem soluções, sendo contradições que impulsionam a reflexão e a busca por uma compreensão mais profunda da realidade, através de uma participação ativa dos estudantes no processo de ensino aprendizagem.

Com isso, chegamos no momento em que o conhecimento é apresentado aos estudantes, o momento da instrumentalização. Desse modo, ocorre uma introdução aos conhecimentos teóricos e conceituais, pela docente, que permitirá aos estudantes analisar e compreender a problematização anterior. Essa ação da professora, acontece com base nos conhecimentos científicos por diferentes metodologias como explicação dos conteúdos, aula dialogada, ou por coleta de dados, estudo de textos, leituras individuais e coletivas, entrevistas, entre outros, oferecendo assim elementos para que os estudantes comparem o que sabiam anteriormente, a síncrese, com o conhecimento científico e sistematizado com o

¹¹ Este ponto de partida e de chegada não significa que o método é linear e fixo. Fundamentado na dialética do concreto, este movimento representa a realidade concreta no processo de articulação e abstração de apropriação do conhecimento para a intervenção social.

passar dos séculos. Mais uma vez, enfatizando o papel mediador da docente, onde irá fornecer os instrumentos necessários para que os estudantes superem as contradições identificadas durante a problematização. Nessa etapa, acontece a apropriação do conhecimento de forma sistematizada (Saviani, 2018).

A etapa da catarse, é o momento em que os novos conhecimentos foram apropriados pelo estudante, a síntese, propiciando que o mesmo tenha uma visão crítica e consciente da realidade. O conhecimento passa a ser parte do sujeito e da maneira em que ele conduz suas ações, fazendo assim que compreenda o mundo e sua realidade, podendo expressar suas conclusões e sentimentos sobre a fase da problematização (Saviani, 2018). Ou seja, essa fase permite que as contradições sejam elaboradas e superadas, viabilizando a compreensão do problema apresentado, desenvolvendo a consciência crítica.

Com isso, chegamos à etapa da prática social final, na qual o estudante compreende os aspectos da realidade de maneira, orgânica, sintética, coesa e organizada. Nesse momento, o estudante colocará em prática os conhecimentos apropriados, será possível a reflexão e atuação sobre a realidade. Os estudantes serão incentivados a exercer as aprendizagens em situações novas, para assim contribuir para a transformação social, fazendo com que as aprendizagens não fiquem apenas na teoria, mas que sejam transformadas em ações concretas, impactando a sociedade (Saviani, 2018).

Contudo, podemos observar que o método dialético da PHC vão além da transmissão e assimilação de conteúdos e informações, com ela é possível promover a participação dos estudantes, estimulando o desenvolvimento da consciência crítica e proporcionando aos sujeitos maneiras de agir que seja transformadora, principalmente da contexto histórico que estão inserido. Os passos, em conjunto, formam uma estrutura pedagógica que propicia aos indivíduos compreender e transformar a sociedade.

Diante desta contextualização do método podemos afirmar que a avaliação da aprendizagem é um processo que precisa acontecer em todos os passos do método, mas quando chegamos na catarse trata-se da efetivação dos instrumentos culturais transformados em elementos ativos de transformação social (Saviani, 2018). Em

relação aos conteúdos trata-se de chegar à conclusão de uma unidade temática ou dos tópicos de conteúdos desenvolvidos.

Em cada uma das fases do processo pedagógico existe avaliação. Esta é sempre uma parada, ainda que pequena e informal, para apreciar o que se realizou, perceber o novo nível de domínio do conteúdo. Mas existe um momento específico, no processo escolar, em que há uma parada obrigatória, de certa forma final, conclusiva de uma unidade ou de tópicos de conteúdo desenvolvidos [...] (Gasparin, 2011, p.1979).

Com isso, Gasparin (2011) afirma que o processo de avaliação precisa acontecer de maneira incisiva e efetiva, considerando se a síntese do conteúdo se tornou mais clara e consistente, com as questões trazidas pelos estudantes na prática social inicial. Agora, no momento da catarse, também avaliará sua prática docente como mediadora, observando e analisando os avanços e limites, observando o que poderá melhorar, pois será o momento em que o estudante se apropriará dos conteúdos e estará suscetível à perspectiva crítica e consciente de seu contexto social. Considerando, “o processo catártico um salto qualitativo na ampliação e no enriquecimento das relações entre a subjetividade individual e a objetividade sociocultural” (Duarte, 2019, p. 3).

Acredita-se que o conceito da catarse apareceu nos registros de Aristóteles, quando ele conceitua a tragédia no livro Poética, porém existem autores como Halliwell (1998), Pappas (2010) e Veloso (2004) que afirmam ser uma interpretação refutável. Duarte, entende que os debates foram construídos sem qualquer base na realidade, definindo “a catarse como um fenômeno da vida individual e da história social humana que existem várias interpretações” e essas são tentativas de alcançar o significado desses fenômenos, portanto, o autor entende a catarse como uma “categoria do pensamento”¹² (Duarte, 2019, p. 5) .

No processo de vivência da catarse desenvolvida acontece uma transformação profunda na relação dos seres humanos e a realidade social, fazendo com que a compreensão de um fenômeno seja como uma referência para sua efetivação. A catarse propicia a revolução social, por meio de um processo, em que os sujeitos com uma coletividade organizada, mudam a si mesmos na luta pela

¹² Para definir a catarse como categoria do pensamento, o autor se baseia nas categorias de Marx , pois “as categorias expressam formas de ser, determinações da existência” (Marx, 2011, p.85).

transformação da sociedade, sendo o elo mediador entre o ser humano/sujeito que é e aquele que ele almeja ser (Duarte, 2019).

Com isso, o autor acima citado entende a catarse a partir de Gramsci como um processo que os seres humanos passam da condição de subjugados às forças externas para a condição de sujeitos individuais e coletivos, fazendo com que essa força esteja a serviço da libertação, sendo um processo de transformação social tendo como direção uma “nova forma ético-política”, ou seja uma transformação crítica, a qual não é alienada, superando assim, a sociedade capitalista, sendo “um processo político, ético e transformador das relações entre a subjetividade individual e a objetividade sociocultural” (Duarte, 2019, p.13).

Com relação à avaliação dos estudantes, na catarse, Gasparin (2011) afirma que podemos identificar dois momentos. O primeiro será aquele que os estudantes irão realizar uma síntese mental, realizando a junção dos conhecimentos prévios que tinham com os novos conhecimentos que foram apresentados pela professora. Considerando todo o percurso pelo método dialético, observando e refletindo se seu conhecimento prévio foi analisado, desconstruído e explicitado pelo conteúdo científico-cultural. Então, por meio da autoavaliação dirá se aprendeu, se conhece melhor o que já sabia ou constata quanto ainda falta para que realize a nova síntese, ou seja, nesse primeiro momento o estudante irá dizer se ele se aprova ou não (Gasparin, 2011).

Considerando que a autoavaliação é algo subjetivo, faz se necessário um segundo momento de avaliação formal. A professora deverá propor instrumentos de avaliação adequados para que os estudantes realizem a avaliação, esses variam conforme foram propostos os conteúdos na problematização e na instrumentalização. Por exemplo, se for realizada uma análise na instrumentalização, faz se necessário uma síntese escrita aqui, considerando-as como ações fundamentais nas práticas pedagógicas. Diante dessa possibilidade, os estudantes conseguiram efetivar sua apreciação da prática social inicial com a catarse e julgar-se considerando seu desenvolvimento da aprendizagem. “A avaliação realizada na catarse não deve apenas apreciar o conhecimento teórico adquirido, mas este deve também ser considerado em sua perspectiva de

instrumento de transformação social, possibilitando aos alunos sua responsabilidade e iniciativa no uso do conhecimento adquirido.” (Gasparin, 2011, p. 1981).

Em vista disso, no processo de avaliação, na catarse o estudante não apenas demonstra o que aprendeu, mas também realiza uma reflexão profunda sobre o conhecimento que se apropriou. É o momento em que seu conhecimento inicial é confrontado com os novos conhecimentos, ou seja, acontece a apropriação de conteúdos com uma visão crítica (Suhr, 2012).

Diante disso, entende que na PHC “a finalidade da educação escolar é transmitir aos indivíduos aquilo que eles não podem aprender sozinhos e que promoverá o desenvolvimento máximo das possibilidades humanas” (Marsiglia, 2014, p.1320). Entendendo o papel da docente como mediadora da aprendizagem, compreendemos que para que isso ocorra, existem desafios, “mas não intransponíveis e dependem de nosso posicionamento político e nossos domínios teóricos, que empreendem práticas pedagógicas que visem atender cada vez mais e melhor a classe trabalhadora” (Marsiglia, 2014, p. 1323).

Sendo assim, para que ocorra um processo de desenvolvimento do estudante como sujeito crítico, a docente tem um papel mediador, pois pensará no processo de avaliação dialética, como aquele que será propulsor para perceber limites e avanços, fazendo com que assim se alcance um momento de reflexão crítica. Entende-se, portanto, que a catarse é dialética, ou seja, não se encerra em si, por ser o último dos passos, sendo necessário que ocorra avaliação mediadora desde o “ponto de partida” até o “ponto de chegada”. No entanto, não pode-se entendê-los como uma aprendizagem que começa e termina, pois o processo de aprendizagem é infinito/dialético, sempre que o sujeito alcança a apropriação cognitiva conceitual de algum conteúdo, abrirá espaço para próximas zonas de desenvolvimento proximal, ocasionando no início dos passos da PHC.

Considerações finais

Após a análise das diferentes abordagens de avaliação no contexto das tendências pedagógicas, distinguindo as perspectivas liberais (tradicional, renovada, progressista e tecnicista) e as críticas (progressista e libertária), foi possível observar

como o processo de avaliação está previsto em cada uma das tendências pedagógicas, ficando evidente a evolução histórica do conceito e das práticas avaliativas. Diante disso, as tendências liberais que são alinhadas ao capitalismo, veem a escola como uma preparação para o mercado de trabalho. Portanto, a avaliação nesse contexto tem uma percepção de exame, sendo excludente e classificatória, buscando selecionar os "capazes" e reprovar os demais.

A partir da análise das tendências críticas para a qual a escola é integrante da sociedade, e por meio da apropriação dos conhecimentos é possível a transformação social, fica evidente a necessidade de um processo de avaliação mediadora-dialética no ensino-aprendizagem. Pois, por esta concepção enfatiza-se seu percurso escolar do estudante com o objetivo de promover seu desenvolvimento, para que assim aconteça a apropriação do conhecimento, por meio da consciência crítica.

Ao sistematizarmos os elementos epistemológicos da avaliação da aprendizagem nas tendências pedagógicas, entendemos que a perspectiva crítica necessita ser amplamente adotada nas escolas, para uma avaliação processual, mediadora do ensino aprendizagem, para atingir finalidade principal que é a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, pois sem o processo de avaliação, nesta perspectiva, torna-se difícil realizar e analisar o ensino, os objetivos atingidos e a aprendizagem dos conteúdos.

A PHC entende a educação como um movimento de transformação social, por meio da apropriação dos conhecimentos científicos, com o objetivo de lutar pelo ensino de qualidade para toda a população brasileira, pensando na educação como direito de todos. Nesse sentido, o intuito é que todos os estudantes aprendam, para tal processo acontecer, entende-se que a avaliação mediadora como um processo dialético do ensino aprendizagem é fundamental, pois não é um processo linear e estático, mas considera a realidade formada por contradições, promovendo assim mudanças e transformações, por meio da mediação.

Portanto, para que a avaliação mediadora dialética se concretize, é necessário que a práxis esteja atrelada a ela. Pois, a práxis é como a categoria da prática fundamentada teoricamente, entendendo que sem a teoria a prática não se efetiva, e sem a prática a teoria não se efetiva também. Fazendo com que a docente

tenha um papel crucial, pois será a responsável pela ação da práxis através da mediação, para concluir, a avaliação mediadora é entendida como um momento de catarse na PHC, pois é quando a aprendizagem passa da síntese para síntese e acontecem as transformações no âmbito cognitivo da aprendizagem dos conteúdos escolares.

Com isso, compreendemos que o papel da avaliação mediadora dialética por meio da catarse no processo de ensino aprendizagem, precisa acontecer em todos os passos do método na PHC, desde o “ponto de partida” até o “ponto de chegada”, entendendo que quando se apropria de um conhecimento, surgem novas zonas de desenvolvimento proximal, sendo um espiral infinito. Neste pensar, na catarse, a avaliação é a efetivação dos instrumentos culturais transformados em elementos ativos de transformação social. Sendo o momento em que acontece a transformação na relação dos seres humanos e a realidade social, pois, quando os sujeitos estão se apropriando de fato dos conhecimentos, acontece a catarse, pois transforma-se os pensamentos, os posicionamentos, às argumentação, análise e proposições, possibilitando alterações a si mesmos e conseqüentemente na sociedade. Portanto, o conhecimento é o elo mediador entre o ser humano/sujeito que é, e o ser humano que se almeja ser, sendo a avaliação mediadora-dialética fundamental para possibilitar esse movimento.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações pedagógicas para a formação de educadoras e educadores**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Programa Escola Ativa. Brasília: SECAD/MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5714-escola-ativa-orientacoes-pedagogicas&Itemid=30192>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

DUARTE. Newton. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica. DOSSIÊ: “Didática e formação de professores”. **Revista Pro-Posições**. Campinas, SP. V. 30, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/3rcCdvWdLNRtGDLVdbMqP5R/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5.ed. Campinas: Autores Associados. 2009.

GASPARIN, João Luiz. **Avaliação na perspectiva histórico crítica**. X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Curitiba, PR, 2011.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar. **Dia a dia Educação**, Paraná, v. 2, p. 2289-8, 2014. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>>

GAZIM, Edina Cristina Bueno Bighi. et al. Tendências pedagógicas brasileiras: contribuições para o debate. **Revista Chão da Escola**, Curitiba, n. 4, p. 41-52, out, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre; Mediação, 2012.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtiva**. 43. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2013.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e preposições**. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Pátio, Porto Alegre, n. 12, p. 6-11, fev./abr. 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e Eventos, 2005.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Tradução: Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. Magalhães, Giselle Modé. Reflexões Sobre Avaliação na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. **XII Jornada do histedbr e**

X seminário de dezembro do histedbr-MA. Maranhão, MA, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Marsiglia.%20Reflex%C3%B5es%20sobre%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20%20(6).pdf> Acesso em: 20 de novembro de 2023.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1995.

PASQUALINI, Juliana Campregher. **Princípios para a organização do ensino na educação infantil na perspectiva histórico-cultural:** um estudo a partir da análise da prática do professor de educação infantil. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

SANTOS, Raquel Elisabete de Oliveira. Pedagogia histórico-crítica: que pedagogia é essa?. **Revista Horizontes.** V. 36, n. 2, p. 45-56, ago. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/520>. Acesso em: junho de 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 39 ed. Campinas: Autores Associados. 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI. Demerval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico crítica em intermediação com a psicologia histórico cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate,** Salvador, v. 7, n. 1, p.26-43 , jun. 2015. Disponível: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12463/9500>> Acesso em: 14 de novembro de 2023.

SILVA, Janssen Felipe da. Avaliar: O quê? Quem? Como? Quando? In: **Revista TV Escola,** Brasília, MEC, outubro/novembro, 2002.

SILVA, Janssen Felipe da. Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: SILVA, Janssen Felipe da.; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Tereza (Org.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo.** 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SUHR. Inge Renate Fröse. **Teorias do Conhecimento Pedagógico.** Curitiba: InterSaberes, 2012.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente.** 4.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.